

Circular nº 51/2023**Junho**

Assunto: Programa-piloto: “SEMANA DE TRABALHO DE QUATRO DIAS”.
Malthus – O axioma de Linder – Paul Lafargne.

Em Portugal, em vez de se resolverem problemas, criam-se novos problemas, logo que não se sabe solucionar o anterior.

Fazem-se estudos, o “assunto” vira moda durante certo tempo; mas, de repente abandona-se esta “moda”, sem a solucionar e inventa-se outra “moda”.

Quer um exemplo: falou-se, estudou-se, tentou-se aplicar a semana de 35 horas. De repente, deixou de ser “moda”, --- até pelo mau resultado em França; e, entre nós, o descalabro provocado no setor da saúde ---, agarraram no modismo do teletrabalho; e, agora, aparece como grande novidade a “moda” da semana de trabalho de 4 dias!

Se os “progressistas” tentam impingir como “NOVIDADE” esta ideia, estão muito enganados. Já em 1880, um tal Paul Lafargne, genro de Karl Marx..., publicou num jornal francês: “O Direito à Preguiça”, onde advogava a semana de menos de 5 dias de trabalho. Era uma reação natural ao abuso dos horários de 14 e 16 horas/dia. Imprescindível, para abordar este problema,

Reconhecer, como ensina LINDER, no axioma que tem o seu nome: “O tempo é um dos elementos mais raros da Terra”. Há milhares de anos, imutavelmente, --- “o tempo, ao contrário dos outros recursos económicos, não pode ser acumulado” ---, o dia tem 24 horas; a hora 60 minutos; o minuto 60 segundos. E, ponto final! – Ora,

Perseguindo o Homem o crescimento económico, este tem como resultado forçoso, um aumento geral na escassez de tempo. O crescimento económico gera o aumento de salários; este aumento leva ao aumento do consumo. E, o consumo... necessita de tempo. O que nem sempre os economistas tomaram em consideração no chamado tempo económico. Ora,

“ O tempo é a única medida da qual nem toda a tecnologia do mundo pode extrair mais uma partícula que seja”.

O tempo pode ser classificado nas seguintes categorias:

- tempo de trabalho – gasto a trabalhar em produção de bens e serviços;
- tempo de manutenção – não só de bens próprios, como do próprio individuo;
- tempo de consumo - no usufruto de bens para criar bem estar material ou espiritual;
- tempo de ociosidade – onde se inclui o descanso (dormir); vida passiva.

É costume dividir o dia em 3 fatias de 8 horas a cada, - $8+8+8=24$ horas. Ora, a nossa sociedade, dita, SOCIEDADE DO CONSUMO, necessita de tempo, mas este não é elástico. Não pode o individuo, ir buscar TEMPO,

- ao tempo de manutenção, pois a complexidade das máquinas de que se rodeia e as necessidades de uso pessoal não param de aumentar; logo, não pode “gastar” mais deste tempo.
- ao tempo de consumo, cada vez há mais divertimentos, solicitações de toda a espécie, que queimam o tempo que se possa dedicar aos mesmos; e, siga a festa!
- ao tempo de ociosidade, pois o duplo emprego; o stresse das deslocações diárias; a necessidade dormir, descansar, não permite reduzir mais esta categoria.

Logo, resta-nos o **TEMPO DE TRABALHO**, sujeito a constantes ataques ao “tempo” a ele dedicado, --- 8horas/dia ---, para suprir a escassez de tempo, derivado do aumento constante do ritmo de vida.

Por fim, MALTHUS, um economista que alertou para o surto demográfico; o aumento constante da população; o “mundo que tem fome”, --- lembre-se da “invasão” da Europa a que assistimos, espetáculo alucinante e sem solução, --- e a multiplicação da espécie humana, que vai já nos 7 mil milhões de indivíduos. Ligado a este problema, a necessidade de criar postos de trabalho; logo, “encaixar” mais trabalhadores em locais que estão a abarrotar deles. Para combater o excesso populacional, teremos apenas,

- a fome, falta de alimentos – o efeito mais “racional”, previsível da resistência ao excesso populacional;
- as epidemias (COVID-19) – surgem do nada, mas a fome é a sua resultante no enfraquecimento dos indivíduos, tornando a espécie mais sensível;
- as mortes violentas – as guerras, derivadas da procura do espaço vital, compelida pela fome; ou, a previsão da mesma (Ucrânia). A apetência pelo “espaço vital” visa, hoje, mais do que as fontes de matéria prima, os grandes espaços para cultivar: as planícies da Ucrânia.

Contam-se loas aos emigrantes, que vêm suprir o envelhecimento da mão de obra europeia. Contudo, criam-se novas tecnologias e máquinas, que substituem o braço humano, todos os dias. Daí, o que vão fazer, depois, aos desempregados daí resultantes?!

Debitando argumentos falsos, como este,

“(...) 72% dos portugueses trabalham mais de 40 horas (por semana)(...)”

esquecendo-se que Portugal é o País europeu que mais feriados, férias e quejandos, tem; que graça o duplo emprego porque criam necessidades e têm de pagar as dívidas contraídas com estas; que fazem horas suplementares com o mesmo objetivo. Daí, as mais de 40horas/semanais..., de quem vem falar estes argumentistas, ... que rima com artistas!

Saíu a 20 Dezembro de 2022, no D.R. n.º 243, Fhs. 40 a 42, a **PORTARIA N.º 301/2022**, de 20 Dezembro, que teve como objeto

“O programa-piloto da “SEMANA DE QUATRO DIAS”

que visa a adoção experimental, pelas entidades empregadoras e seus trabalhadores de

“(...) uma redução da semana de trabalho para quatro dias, previsto no n.º 2, do art.º 204, da Lei n.º 12/2022, de 27 Junho, que aprovou o OE para 2022”.

- Diz o n.º 2, do art.º 204, da Lei n.º 12/2022, que

“ 2 - Em 2022, o Governo promove o estudo e a construção de um programa-piloto que vise analisar e testar novos modelos de organização do trabalho, **incluindo a semana de quatro dias**, em diferentes setores, e o uso de modelos híbridos de trabalho presencial e teletrabalho”. (sublinhados nossos).

E, daqui nasceu a Portaria n.º 301/2022, e a experiência (programa-piloto) em curso.

Claro, as empresas/cobaias, “pilotadas” a dedo pelos interessados na difusão destes novos modelos de organização do trabalho.

Por exemplo, o comércio que ficaria com um novo dia, quarta ou sexta-feira, para receber as multidões às vidas do consumo, --- supermercados; cinemas; parques de diversões; shoppings ---; o turismo interno (ou, mesmo externo), que com mais um dia sem trabalho iria propiciar mais “pontes”; o aumento de paralização que incluem só dias úteis, etc.; maior utilização, pelo turismo interno das estâncias de repouso (?) no Algarve, Serra da Estrela Gerês, etc., na época baixa,

Irão concluir pelas “maravilhas” decorrentes da ideia: as famílias muito unidas, todos de mãos dadas, às compras, a banhos, etc.. esquecendo-se que a produtividade em Portugal anda pelos mínimos; que a paralização das fábricas a meio da semana, obriga a custos acrescidos no arranque; ou,

Se for às 6.as feiras ou 2.as feiras, quem vai ter dificuldade a “arrancar” são os trabalhadores, afetados pelo síndrome do fim de semana prolongado,

Tudo isto, e o mais que o Sr. Avençado pode acrescentar, --- por exemplo, a utilização pelos trabalhadores, com mais um dia de folga, na economia/atividade paralela, mandando às urtigas a propalada conciliação do trabalho com a vida familiar ---, tudo isto, dizíamos,

Leva-nos a alertar os Srs. Industriais para os **malefícios** da semana de 4 dias. Claro,

Sabendo o Governo que a redução do horário se mexesse com o ordenado já os trabalhadores não estariam interessados, o ARTIGO 5, da Portaria n.º 301/2022, no n.º 1, refere

“ 1 — O programa -piloto tem início durante o ano de 2023 e consiste na avaliação da implementação da semana de quatro dias, com a correspondente redução do número de horas de trabalho, **sem diminuição da retribuição**, (...)”.

Repare-se que, uma das empresas que aderiu ao programa-piloto é uma creche. Maravilha, das maravilhas! – O papá não vai trabalhar, fica em casa a aturar o pirralho e a mudar-lhe a... fralda! – A berrar com os piriQUITOS que não o deixam dormir; com o cão que quer ir passear; o gato a miar; o vizinho a ouvir com o som em alta as canções da moda; a banda dos “Onze bravos do Quinzau” a passar; os estádios a encherem-se às 4.as feiras, para mais futebol, como se fosse pouco o que já existe!

Concluindo, semana de 4 dias de trabalho, é uma “maravilha”, a maior invenção depois da... roda! – Ou, do pífaro? – Estamos indecisos... - Votamos no pífaro, que isto de democracia é o melhor dos mundos, até porque os fazedores de asneiras e idiotas, --- leia-se, os que têm ideias ---, têm roda livre e estão a levar a Europa, e suas Empresas, no mau caminho. Para tanto,

Acenam aos trabalhadores com os ordenados intocados, com menos horas de trabalho; aos empregadores; com as verbas adequadas, “...inscristas e inscrever no orçamento do IEF, IP! – Ou seja, mais um subsídio, que será pago por todos nós. Mas, e quando acabar o tal programa/piloto, como é? – Pois a sua Empresa, se for no canto do cisne, vai arcar com os salários por inteiro, para pagar aos seus trabalhadores. Quem nunca mais quiserão, voltar à semana de 5 dias. Vai à falência? – Não interessa,

O que é necessário é desenvolver a indústria no 3.º mundo, que se está a marimbar para a semana de 4 dias, horários de trabalho; estado social; proteção dos menores; trabalho em segurança; proteção do ambiente, e outras “fantasias” que tais.

Mas, ninguém vai morrer de fome! – Temos o turismo; que diabo, vamos todos para hoteleiros, servir de lacaios a meio mundo!

Enfim, Sr, Avençado, se já reparou na semana de 4 dias de trabalho, considere o acima dito, em tom jocoso; se não reparou ainda, leia e pondere nos “imensos” benefícios que lhe querem impingir, e prepara-se para as greves, com um novo motivo: a semana de quatro dias de trabalho!

A semana dos 4 dias de trabalho não é solução. O que é necessário é humanizar o local de trabalho, tornar o mesmo mais alegre; reconhecer que o Homem não tem qualquer botão para o tornar mais veloz; estar atento ao princípio de Peter, evitando fazer cair no grau de incompetência; usar o reconhecimento como um dever para o empregador e chefias; cumprir o “dever de desligar”; o bom ambiente do trabalho, sem stress, constante, para cumprimento do imperativo de produtividade.

Como diz o Byung-Chul Hau, citado, filósofo alemão, --- leu bem, alemão... ---, há mais um mandamento na sociedade tardo-moderna do trabalho: o imperativo da produtividade, que transformou o trabalhador no animal laborans, que se explora a si mesmo, de forma voluntária, até que entra em depressão... e enlouquece ou mata-se. Ainda como diz Byung-Chul, o excesso de trabalho leva à autoexploração; e, esta, é mais eficaz que a exploração por terceiros.

Não sei se teve paciência para chegar até aqui. A intenção foi alertá-lo para o canto de sereia que o pretende “enrolar” na semana de 4 dias.

Não é sistema criar postos de trabalho com o encurtar os dias de trabalho. Até o “direito à preguiça” tem um limite, aborrece e destrói o HOMEM.

